

O ESPAÇO E A LUTA PELO PODER EM *VILA DOS CONFINS*

THE SPACE AND THE POWER STRUGGLE IN *VILA DOS CONFINS*

Lasaro José Amaral¹
Oziris Borges Filho²

Resumo: Os estudos sobre espaço na Literatura e outras artes apareceram com mais ênfase nas últimas décadas. Nota-se que tal categoria tem tanta importância na obra literária quanto qualquer outro elemento até então priorizado como, por exemplo, o tempo. À vista disso, este artigo fundamenta-se, principalmente, pela teoria da Topoanálise de Borges Filho. Através de sua metodologia e do aporte teórico de outros estudiosos como Bachelard (2008) e Brandão (2013), buscamos analisar a espacialidade na obra *Vila dos Confins* (1974) de Mário Palmério. Ao término das análises, pudemos constatar que, por via da configuração de espaços de um Brasil ainda quase não desbravado, o narrador apresenta a crítica social juntamente aos fatos que permeiam o texto, de forma a dar especial tratamento ao espaço, ao oferecer a ele o necessário engajamento, através de um campo de batalhas político que envolve a luta pelo poder e a dominação espacial, temáticas presentes em todo o tecido narrativo. Desse modo, o autor dá voz às minorias, denuncia desigualdades, revela um contexto social de opressão e a vida do homem excluído e esquecido, a partir da estruturação de seu texto e da representação da figura do galo.

Palavras-chave: Espaço; Topoanálise; Domínio; Poder.

Abstract: Studies of space in literature and other arts appeared with more emphasis in recent decades. Note that this category has much importance in the literary work as any other element hitherto prioritized as, for example, time. In view of this, this article is based, mainly, for the theory Borges Filho's Topoanalysis. Through its methodology and theoretical support from other scholars as Bachelard (2008) and Brandão (2013), we analyze the spatiality in the novel *Vila dos Confins* (1974) by Mário Palmério. At the end of the analysis, we observed that, through the configuration space of a Brazil still barely tamed, the narrator presents social criticism together the facts that permeate the text, to give special treatment to space, to offer him the necessary engagement through a political battlefield that involves the struggle for power and domination space, themes present throughout the narrative fabric. Thus, the author gives voice to minorities, denouncing inequalities reveals a social context of oppression and the life of the excluded and forgotten man, from the structure of your text and representation rooster figure

Keywords: Space; Topoanalysis; Domain; Power.

Introdução

¹ Mestre em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão. Professor de Língua e Comunicação da Faculdade Cidade de Coromandel - FCC.. Contato: professornetinho@hotmail.com

² Doutor em Estudos literários. Professor do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG/Câmpus de Catalão. Professor de Teoria da Literatura da UFTM. Bolsita PET. Contato: oziris@oziris.pro.br

O livro objeto desta pesquisa se intitula *Vila dos Confins* (1974), de Mário Palmério. Esse romance foi inspirado num período quando acontecia à gênese de cidades e vilas no interior do Brasil, que foram alavancadas pela as atividades agrícolas e o comércio. Porém, no momento em que a obra foi escrita, o que mais influenciou essa formação foram as descobertas de áreas de garimpo de ouro e diamante, que atraíram pessoas de diferentes partes do país. Nesse quesito, há que se ressaltar que a união das forças do comércio, agropecuária, garimpo e política propiciaram de uma forma bastante clara a criação de povoados e culminaram em vilas e conseqüentemente em municípios emancipados.

É perceptível que a história narrada em *Vila dos Confins* apresenta configurações de locais e temáticas variadas, próprias da realidade. Assim, para este trabalho, o objetivo é buscar o entendimento de como se dá a luta pelo poder e dominação, a partir da análise de um ambiente bastante peculiar: o terreiro onde vive João Fanhoso, o galo velho, sendo esse o local que será destacado neste artigo. Além disso, para a instauração dessa personagem, foi instalado um conto dentro da narrativa principal, portanto, também trataremos de analisar o modo como foi formada a estrutura da obra, e sua ligação com a complexidade temática nela inserida.

O espaço e estrutura do texto literário no contexto de *Vila dos Confins*

O espaço está no centro das investigações de várias áreas do conhecimento, como a Geografia, História, Filosofia, Sociologia e, não obstante, a Literatura. No âmbito literário, as pesquisas atuais mostram-se interessadas em estudá-lo não somente como um elemento estático, mas como componente dinâmico, vivo, que possui variadas funções e relaciona-se intimamente com as vivências da personagem da ficção, de modo que, mais do que representar “o estar”, na maioria das vezes o espaço possui analogia com “o ser”.

A obra em análise, fruto da literatura palmeriana, reinscreve, em forma de ficção, acontecimentos históricos relacionados à atividade política, mostrando o sistema eleitoral corrompido perante a força de dinheiro e de armas, de favorecimento de uns e exclusão de outros. Portanto, ao fazer relação entre esses temas tão pantanosos e ricos em todos os âmbitos imagináveis, há que se ressaltar a importância de um escrito literário e as denúncias contidas nele para reconhecimento das formas de organizações das sociedades que povoaram um lugar esquecido no interior do Brasil nos anos 50 do século XX.

O autor investe em sua escrita para expressar a realidade. A obra palmeriana mostra-nos uma abordagem profunda de problemáticas universais, tais como a pobreza, o (des) amor, a morte, a fome, o ódio, a seca, muito presentes na literatura regionalista, mas erigidos com sensibilidade que transpõe as fronteiras dos tempos e espaços. Assim, a análise do espaço na obra de Palmério se faz necessária, buscando compreender como este se liga aos demais temas.

No processo de elaboração do livro, Palmério passeou por alguns caminhos e fases. Foi, aos poucos, transformando e moldando sua criação, através do tempo. Como explica o próprio autor, “*Vila dos Confins* nasceu relatório, cresceu crônica e acabou romance.”. Já sob essa forma, recebeu grande atenção e críticas, devido à sua abordagem temática impactante na época de seu lançamento, em 1957. Antes disso, no ano de 1956, Rachel de Queiroz (1910-2003) foi convidada por Palmério a escrever uma resenha crítica, texto esse que posteriormente foi publicado no prefácio do livro, na edição do ano de 2004. Destacam-se o seguinte pensamento da escritora:

A primeira qualidade que me impressionou no escritor Mário Palmério foi este cheiro de terra que o livro traz, tão autêntico. A gente tem a impressão de que ele nos entrega para ver, na sua integridade primitiva, aquele rio, aquela mata, aqueles bichos, aqueles caboclos, aquelas histórias de caçada e pescaria, que parecem histórias de mentiroso, de tão saborosas. Essa poesia de floresta e rio, tão difícil de captar, sem cair na ênfase. (QUEIROZ, 2004, p. 11).

Conforme se lê, Rachel de Queiroz aponta para a criação literária de Mário Palmério, salientando o trabalho do narrador ao instaurar os espaços, mostrando a riqueza e a autenticidade com que foram caracterizados. A escritora refere-se ainda a leitura do romance como tarefa “saborosa” e compara a escrita de Palmério à poesia, construída com versos que evocam elementos da natureza e do espaço. Desse modo, Queiroz salienta, além do cuidado com a instauração dos temas, o trabalho do autor ao compor, em uma mescla de ficção e realidade, o universo da obra.

Na esteira dessa afirmativa, além de abordar a representatividade do espaço na literatura e a forma com que é inscrito na narrativa, faz-se necessário trazer uma breve discussão acerca da estrutura do texto literário. Um dos elementos que o diferencia de um não literário é a forma com que a linguagem é nele instaurada. Baseado em uma linguagem conotativa, a narrativa literária propicia várias interpretações do mesmo texto. Ela transcende a função referencial da linguagem, ou seja, não tem apenas a pretensão de informar. De tal modo, é importante salientar que o discurso utilizado no dia a dia para a

comunicação conta com um vocabulário muito parecido com aquele utilizado em uma obra literária. Porém, há uma grande diferença no que diz respeito à significação. A literatura não se encarrega de expor a verdade científica, mas sim, faz o homem refletir acerca dos problemas que a sociedade enfrenta. Nesse sentido, explica Proença Filho que:

A fala ou discurso é, no uso cotidiano, um instrumento da informação e da ação. A significação das palavras, nesse caso, tem por base o jogo de relações configuradoras do idioma que falamos. Vincula-se a uma verdade de correspondência (...) o mesmo não acontece com o discurso literário. Este se encontra a serviço da criação artística. O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais, e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração do objeto estético. (PROENÇA FILHO, 2007, p. 7).

A estrutura do texto literário, por assim dizer, permite a utilização de estratégias que acarretam uma diversidade de interpretações. A representação feita a partir da fazenda do Boi Solto, ao representar uma cidade em que habitam aves, tem o intuito de transcender a percepção humana, bem como fazer com que o leitor assimile as relações de poder que o circundam. Nota-se no texto de Palmério (1974) que a linguagem ancorada na conotação e em metáforas representa a estratégia chamada literariedade.

Em texto de 1972, Algirdas-Julien Greimas acentua a relatividade do conceito, ao vincular a interpretação da literariedade, ou seja, das características que tornam 'literário' um texto, "a uma conotação sociocultural e a sua conseqüente variação no tempo e no espaço humanos. (PROENÇA FILHO, 2007, p. 10).

O tempo e o espaço estão em perfeitamente ambientados no texto de *Vila dos Confins* (1974), de forma a representar a estrutura das vilas e cidades no contexto histórico-social em que se insere a obra. Nesse aspecto, faz-se necessário explicitar que "o ficcional não se confunde com falso: nele se abriga alguma coisa captada da realidade". (PROENÇA FILHO, 2007, p. 10).

Ademais, a instauração da linguagem, juntamente ao contexto de lutas e domínios no sertão de Minas Gerais é uma temática das obras de Mário Palmério. E não é de se espantar, pois, o autor conheceu de perto a realidade nua e crua dos lugares descritos em *Vila dos Confins*. Assim, a análise do espaço nesse livro se faz necessária, pois se liga a temas relevantes como política, identidade e dominação. Enfatizamos aqui o capítulo oitavo, o que apresenta uma história dentro da história, uma narrativa hipodiegética, e narra as aventuras de um galo que, apesar de envelhecido, ainda sonha em continuar dominando o espaço da fazenda em que habita.

Fragmento e Totalidade: a Estrutura da Narrativa

O texto de *Vila dos Confins* contém diversificadas técnicas narrativas. E uma que se pode perceber é a chamada *mise-en-abyme*. Esta consiste em uma forma de espelhamento de macronarrativa em uma pequena história dentro da obra. A técnica fica perceptível quando o narrador utiliza um conto sobre um galo velho dentro da própria narrativa de forma a refletir a ideia principal da história primária narrada. O capítulo oitavo reproduz, em uma menor escala, aquilo que acontece com o deputado Paulo Santos e os companheiros no percurso que os mesmos fazem e espelha os acontecimentos no município recém-emancipado. Enquanto o João Fanhoso, o galo, defende o terreiro da fazenda do Boi Solto, João Soares, Paulo Santos e os correligionários defendem o espaço político da região dos Confins, e neste, a Vila. Tal dinamismo é efetivado dentro da estrutura da própria narrativa e na instauração de seus lugares. Nesse sentido, o Professor Massuad Moisés explica que,

A *mise-en-abyme* consiste, por meio da visão em profundidade, na reprodução do objeto estético em tamanho menor: mirando o todo, o olhar converge para o detalhe que o produz. Fixando a retina no pormenor, tem-se a sùmula reveladora da totalidade em que se inscreve. (MOISÉS, 2004, p. 298).

Na obra em análise, tal reprodução do objeto estético acontece em dois níveis: primeiro, no âmbito da narração, quando a diegese é projetada de um espaço maior para um menor, isto é, do município para a fazenda; segundo, no nível estrutural, quando a história principal engloba o conto do galo velho.

Nesse contexto, é possível perceber o quanto o conto dentro da própria narrativa coloca a questão do poder em referência àquilo que se pode notar na estrutura geral do texto. O detalhe que produz a implementação de uma micro-história dentro da macro-história direciona o leitor para que perceba o quão complexo é o âmbito político, bem como o que pode acontecer na referida disputa eleitoral. Reduplicam-se, nesse sentido, em forma de metáfora, os procedimentos nos quais surgem personagens com a motivação e a perspectiva de instalar-se no poder de determinado espaço.

O comando do espaço político da cidade de Vila dos Confins é pretendido pelos Unionistas, chefiados pelo deputado Paulo Santos, cujo candidato é o amigo João Soares. Através de uma possível vitória na primeira e movimentada eleição do recém-emancipado município, a ideia é tirar o domínio da família Belo, representada pelo então candidato do

Partido Liberal, coronel Chico Belo. Por outro lado, o galo velho de nome João Fanhoso, teme perder o domínio do terreiro para o “sura”, um frango aspirante a galo.

Como se vê, a narrativa se configura a partir da interligação dos fatos, trazidos à tona por via da técnica da *mise-en-abyme* que, segundo Botoso (2011)³, “[...] possibilita ao escritor mostrar ao leitor como sua obra foi feita e os procedimentos empregados para construir o relato. Assim, a estrutura romanesca acolhe em seu centro uma réplica em miniatura de si mesma.” Na esteira desse autor, podemos entender que partir da *mise-en-abyme* são apresentados os contos dentro da obra, isto é, o capítulo oitavo funciona como um reflexo da narrativa principal.

O galo velho é demonstrado na obra como uma transfiguração da perpetuação no poder e reflete, de forma bem elucidada, o domínio que tem do terreiro no qual se mostra “dono”. Quanto ao medo que tem dos comentários sobre o erro da hora do canto, o mesmo mostra-se preocupado com a avaliação dos concorrentes.

Não era a primeira vez que acontecia aquilo – o fiasco daquele engano. Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnisé branco – esse , então, um afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo. (PALMÉRIO, 1974, p. 70).

O galo é caracterizado de forma personificada, assim como todos os outros animais descritos dentro da história, como pudemos ver na citação. O narrador faz a descrição de um dia em que João Fanhoso comete, de forma catastrófica, um erro que galo nenhum, principalmente um dono de terreiro, pode cometer. Errou a hora do canto e temeu o que os demais pensariam sobre ele ao amanhecer. Mas o pior da situação é que o erro já havia acontecido outras vezes e estava se tornando frequente:

Nota-se, nesse contexto, que o galo velho sabe que por ter cometido o engano, poderá acontecer desdenho, implicâncias e maldizeres a seu respeito assim que o dia amanhecer. Até possíveis questionamentos foram cogitados. Fica perceptível que o “dono” do terreiro já não consegue mais ter o necessário domínio, de forma a nem perceber direito o momento correto para o ofício de despertador natural dos seres que habitam a fazenda do Boi Solto.

Ao se pensar as relações de poder estabelecidas numa ordem social, aquele que detém o domínio não quer sair do campo de comodidade e abrir espaços para outrem. Entretanto, quando há espaços a serem conquistados, o orgulho e a vaidade fazem com

³ Publicação não paginada.

que os seres busquem forças para a conquista. Nesse sentido, é interessante ressaltar que o Deputado Paulo Santos é um homem bem-quisto e respeitado na região do recém-emancipado município e, igualmente ao galo velho, não quer perder espaço para os concorrentes. Mas, assim como na vida política, a vigência de um galo no poder pode chegar ao fim, quando já não se corresponde ao que lhe é confiado.

João Fanhosos abriu os olhos pesados de preguiça: primeiro um, depois o outro. E olhou o céu, entortando o pescoço. Passou o descanso do pé esquerdo para o pé direito – fora o cascalho do quintal que fizera aqueles malditos calos bem na sola dos pés. Andava, por isso meio cambeta, meio que apalpando o chão. Olhou o céu outra vez: beleza de céu azul-escuro, com nuvens claras. (PALMÉRIO, p. 69, 1974).

Simbolizando o galo passando por um momento difícil, o narrador aponta o descanso e o modo atrapalhado com que João Fanhosos reveza seus pés calejados no chão do poleiro. Nesse interim, acontecia o acirramento da disputa política na cidade ao mesmo tempo em que no galinheiro. Isso aumentava à medida que pessoas notáveis iam tomando posição na política local. Mas não é normal que um galo se engane de hora para despertar e, aos olhos dos que tentam lhe roubar o espaço de domínio, essa é uma boa oportunidade de se conseguir visibilidade e tripudiar sobre o rival. Conforme o descrito acima, o espaço se apresenta aprazível, com um céu azul-escuro e nuvens claras, como se se abrissem ao horizonte, remetendo a um prelúdio à vitória nas urnas. Mas aí se instala um paradoxo, pois como bem figura a passagem do personagem galináceo, com o passar dos anos, aqueles que detêm o poder não atentam para o surgimento de novos líderes e para o fato de que os cargos e poderes são passageiros.

Essa representatividade temática juntamente com a ligação dos fatos entre personagem e lugar, evoca-nos à necessidade de rever as formas de focar os espaços numa obra literária. Assim, “deve-se perceber de que maneira os sentidos estão atuando na relação do espaço com a personagem.” (BORGES FILHO, 2007, p. 69). De acordo com o estudioso, os cinco sentidos, a visão, audição, olfato, tato e paladar, ou como ele mesmo denomina, os gradientes sensoriais, têm primordial importância nessa construção, conforme podemos ver na seguinte passagem:

A voz ainda saía bonita, forte, alcançando longe. Pena o som meio rachado – donde o apelido de João Fanhosos, que lhe pregara a Argemira, mulatinha metediça, espevitada, mestra em botar nome nos outros. O canto do Galo solou cheio, melodioso, dentro da noite clara. Passou pela ameixeira alta do paiol, atravessou os currais, o mangueiro, e planou trêmulo por sobre o bambuzal do córrego – tempinho só de deixar cair meia-dúzia de ecos nas touceiras verde-amarelas. (PALMÉRIO, 1976, p. 75, 76).

Ao descrever que o canto do galo alçou bonito e forte, o narrador de *Vila dos Confins* está fazendo um elogio, e quando utiliza o advérbio de lugar *longe* a percepção do espaço se dá através do gradiente sensorial da audição, ou seja, a voz podia ser ouvida de longe, o som do canto do galo percorreu uma extensa distância. Conforme se vê, “[...] existe a variação de proximidade/distância nos sentidos em relação ao espaço [...]” (BORGES FILHO, 2007, p. 69). Na sequência apresentada pelo estudioso supracitado, os gradientes, a exemplo da audição, tem fundamental importância nos estudos de cunho topográfico, além de contribuir para uma pesquisa mais enfática na obra. Ora, se a voz ainda está forte e bonita e percorre uma longa distância, é sinal de que ainda resta força ao galo para dominar o terreiro por muito tempo.

Todavia, há uma contradição, a voz também é rachada, o que enfraquece a ideia de força e beleza e dá indícios que está aparecendo uma fragilidade no galo. Nota-se a presença de certa decadência ainda na passagem, já que os adjetivos usados para descrever a personagem Argemira como *metediça* e *espevitada*, são extremamente racistas. Isso coincide com um Brasil que ainda não havia assimilado a inclusão de todo o povo para usufruir de todos os direitos que um cidadão comum normalmente hoje pode ter acesso. Assim como a maioria dos políticos são vistos, é percebida também uma falha no galo, desde os tempos de formação do seu canto. Por outro lado, o som da voz do galo atravessa uma distância considerável, de forma que dá para perceber o quanto a fazenda possuía dimensões exorbitantes. Os verbos *passou*, *atravessou* e *planou* condizem com o espaço bastante amplo e vasto, de modo a engrandecer o domínio do lugar ocupado pelo mesmo.

Nesse sentido, o tema da identidade tem relação muito estreita com a questão da ocupação do espaço. Se é verdade que o espaço molda a identidade do ser que nele habita, é importante ressaltar que de uma forma bastante categórica a demarcação ideológica do espaço garante rumos bem definidos à política da Vila dos Confins. Daí, a necessidade de se fazer uma análise bem específica desse espaço da fazenda do Boi Solto, bem como das personagens que nele se encontram. Um político precisa demarcar bem o seu espaço porque os adversários estão de prontidão para responder à altura e dominar o mesmo. Na metáfora que se apresenta no capítulo oitavo da obra estudada, isso fica evidente na seguinte passagem:

João Fanhoso cantou outra vez. O mesmo canto rachado de taquaraçu, alto e que ia longe. Mas desta vez responderam: um canto fino, comprido, petulante, brotou do pé de tamarindo – Zé Garnisé! Outro, mais forte que todos, exibido, trombeteou, acompanhado de tremuras intencionais: era o

sura – sem rabo, pescoço pelado, mas de canto imponente, musical. (PALMÉRIO, 1976, p. 78).

Aí, a intensidade do canto demonstra uma verdadeira disputa por território e por quem desafia quem. Difícil imaginar uma labuta política sem adversários. Semelhante ao que acontece na passagem acima, na primeira eleição da Vila dos Confins, muita gente se achava no direito de cantar e dar palpites. Mas a eleição era complicada e a disputada era feita voto a voto, por isso havia a necessidade de valorizar todos os companheiros. Na fazenda, assim como ocorre em todo o embate político da narrativa, ainda que o canto não estivesse com a mesma potência e força de antes, falar mais alto que o concorrente imprime certa valentia e era artimanha para a conquista do domínio do local. É notável que a essa altura a hegemonia estava ameaçada.

Ainda na citação, os outros galos e até o garnisé cantavam de retorno, em contrapartida ao canto do galo velho. Um galo “suro” também devolve o canto do galo velho, mostrando que não havia apenas um adversário querendo ser o dono do terreiro, mas muitos estavam à espera do momento certo para conseguir dominar tal território. Na luta pelo poder e o domínio de áreas ainda não bem demarcadas, como se percebe, qualquer indivíduo sente-se na qualificação de pleitear um espaço que normalmente é dominado por figuras de maior prestígio na sociedade, como um cidadão intitulado coronel. Do mesmo modo são os animais que protagonizam a história. A figura da personificação é amplamente utilizada, pois outros seres desempenham papel de pessoas na sequência da narrativa.

Podemos considerar que a fazenda do Boi Solto é instituída como uma sociedade organizada, assim como se instituíra a Vila dos Confins com a primeira eleição. Assim, mais uma vez, fica clara a técnica da *mise-en-abyme*.

A *mise-en-abyme* consiste num processo de reflexividade literária, de duplicação especular. Tal auto-representação pode ser total ou parcial, mas também pode ser clara ou simbólica, indirecta. Na sua modalidade mais simples, mantém-se a nível do enunciado: uma narrativa vê-se sinteticamente representada num determinado ponto do seu curso. Numa modalidade mais complexa, o nível de enunciação seria projectado no interior dessa representação: a instância enunciativa configura-se, então, no texto em pleno acto enunciatório. Mais complexa ainda é a modalidade que abrange ambos os níveis, o do enunciado e o da enunciação, fenómeno que evoca no texto, quer as suas estruturas, quer a instância narrativa em processo. (DÄLLENBACH, 1976, p. 27, grifos do autor).

Partindo dessa observação, percebe-se uma autorrepresentação simbólica do que está narrado na estrutura da diegese primeira. Dentro dela projectado um conto no qual o galo assume a função de dominador e regulador do espaço, conforme pudemos ver nas

análises realizadas. Dentro da fazenda, é notória a vida do galo e sua preocupação em manter o domínio de seu território. Nesse sentido, podemos assimilar como as atitudes da personagem personificada representa o curso da vida política e de seus atores, que estão constantemente submergidos e são motivados, entre outras coisas, pela luta e busca pelo poder e domínio.

Faz-se necessário salientar que, de certa forma, o anseio pelo poder leva a criatura, humana ou fictícia, a superar os próprios limites e buscar o que deseja. Na obra analisada essas afirmações ficam bem claras quando da descrição de como o galo vinha se comportando nos últimos tempos frente aos que sonhavam em assumir o terreiro ocupado por ele, João Fanhoso, o ser mais esperto e dominador daquele fim de mundo, daquele sertão de Minas Gerais esquecido pelos governos e pela geografia. Para o narrador de *Vila dos Confins*,

João Fanhoso andava amanhecendo sem entusiasmo, sem coragem para enfrentar os problemas que enchiam aqueles dias compridos. Desânimo. Velhice. Mas tinha de reagir, manter pelo menos a aparência: os concorrentes andavam querendo tomar-lhe o lugar. E imaginem quem! Dois porcarias nascidos ontem. E o fim seria a cegueira, as pernas encarangadas, a caduquice provocando o desprezo e o escárnio geral. Desgraçado fim! (PALMÉRIO, 1976, p. 75).

A concepção de poder nesse aspecto apresenta-se de uma forma muito restrita e, ao ser relacionado a um espaço físico em que os territórios políticos são muito bem constituídos, é a um território específico que esse poder precisa ser mantido: o agora município com câmara e prefeitura, Vila dos Confins. A cidade de Vila dos Confins é ainda um lugarejo que mal se pode perceber se realmente é ou não uma cidade. Como consta do início da narrativa, tem apenas duas ruas, as quais vão da igreja ao cemitério. E essa ideia de perder o domínio político da região da caatinga mineira constrangia o Deputado Paulo Santos e o colocava na empreitada com o intuito não apenas de eleger o companheiro e aliado antigo de política, o João Soares, mas também de alargar esse espaço conquistado, vislumbrando as eleições futuras para o cargo que então ocupava.

Diante dos fatos discutidos e da importância do espaço na representatividade temática e sua ligação íntima com as personagens e suas vivências, é necessário frisar que, embora estudada há muito tempo, apenas nos últimos 40 anos essa categoria da narrativa recebeu uma atenção maior. Assim, “passa a ser tratado não apenas como categoria identificável em obras, mas como um sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica.” (BRANDÃO, 2013, p. 25). A estrutura espacial que envolve a obra passa então a ser notada e estudada em um nível mais profundo de maneira a

contribuir definitivamente com a interpretação de obras literárias. Por isso, é possível sistematizar para depois abalizar os locais presentes no romance, assim como foi feita a análise do terreiro, que se localiza na fazenda Boi Solto, que por sua vez, está dentro do município de Vila dos Confins.

O espaço definitivamente constitui um elemento que ajuda de forma significativa a estruturação do texto literário. Assim,

Eles (os espaços) constituem uma ilustração de suas possibilidades; reforçam simultaneamente, a importância que pode ter na ficção esse elemento estrutural e indicam as proporções que eventualmente alcança o fator espacial numa determinada narrativa, chegando a ser, em alguns casos, o móvel, o fulcro, a fonte de ação. (LINS, 1976, p. 67).

Osman Lins é categórico nessa afirmação de que o espaço apresenta várias possibilidades e mostra o mesmo como elemento primordial à construção do texto narrativo na obra de ficção. O espaço assume um lugar de destaque nessa narrativa a partir do modo como influencia as ações e as vidas das personagens. É evidente o quanto as ações das personagens têm dinâmicas bem conduzidas se levarmos em conta o espaço em que essas ações acontecem.

Desse modo, somos convocados a tomar parte do universo das personagens, projetado tanto pelo domínio estético-estrutural da obra literária, como de seu aspecto temático. Também, a partir da representação metafórica do contexto do terreiro de João Fanhoso, somos convidados a repensar sobre os meios pelos quais se dão a perpetuação no poder no mundo humano, e a direcionarmos mais nossos olhares para essa direção. Para as problemáticas que afligem e maltratam o homem, provocam a exclusão e o abandono de muitos, é claro, dos menos favorecidos, questão figurada na obra através da representação dos sentimentos de domínio, liderança e posse que o galo tem sobre seu terreiro.

REFERÊNCIAS

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura** - introdução a Topoanálise. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BOTOSO, Altamir. **A mise-en-abyme no romance Névoa, de Miguel de Unamuno.** Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 9, dezembro de 2012.

BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário/** Luís Alberto Brandão. – 1. ed.- São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.

DALLENBACH, Lucien. Intertexto e autotexto. In: **Intertextualidades.** Coimbra. Almedina. 1976.

FILHO, Proença. **A Linguagem Literária.** 8.^a ed. São Paulo: Ática, 2007.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco.** São Paulo, Ática, 1976.

MOISÉS. Massaud. **Dicionário de Termos Literários.** 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974.

QUEIROZ, Rachel. Ler para crer. In: PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins-** 25. ed.- Rio de Janeiro: José Olímpio, 2004, p. 11-12.

Recebido em 25/09/2016
Aprovado em 01/11/2016